

# **Pensando o futebol e a cidade: notas etnográficas do Catanga Futebol Clube**

**Marcos Paulo de Castro Mello<sup>1</sup>**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** O presente trabalho busca apontar como a prática esportiva e o ato de torcer implicam na ampliação da dinâmica social, uma vez que era jogando e torcendo pelo time do bairro que os torcedores e jogadores do Catanga circulavam, se relacionando com diversas pessoas e espaços na cidade. Assim, partindo de um estudo etnográfico, o objetivo deste trabalho consiste em compreender como se forma a relação entre bairro e futebol, lançando um olhar para os trajetos por campos, bares e avenidas, onde modos distintos de se relacionar e práticas específicas eram mobilizadas em torno do futebol para repensar e formular também a cidade em que viviam.

**Palavras-chaves:** pertencimento; pedaço; trajeto.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. É formado em Ciências Humanas e em Ciências Sociais, com habilitação em bacharelado e licenciatura pela mesma instituição.

## Thinking about soccer and the city: Catanga Football Club ethnographic notes

**Abstract:** The present work seeks to point out how the practice of sports and the act of cheering imply in the expansion of social dynamics, since it was by playing and cheering for the neighborhood team that the fans and players of Catanga circulated, relating with various people and spaces in the city. Thus, starting from an ethnographic study, the objective of this work is to understand how the relationship between the neighborhood and soccer is formed, taking a look at the paths through fields, bars and avenues, where different ways of relating and specific practices were mobilized around soccer to rethink and also formulate the city in which they lived

**Keywords:** membership; turf; route.

## Pensando en el fútbol y la ciudad: notas etnográficas del Catanga Fútbol Club

**Resumen:** El presente trabajo busca señalar cómo la práctica del deporte y el acto de animar implican la expansión de las dinámicas sociales, ya que era el juego y la animación del equipo en el barrio lo que circulaban los hinchas y jugadores de Catanga, relacionándose con diversas personas y espacios de la ciudad. Así, a partir de un estudio etnográfico, el objetivo de este trabajo es entender cómo se forma la relación entre el barrio y el fútbol, mirando los caminos a través de los campos, bares y avenidas, donde se movilizaron diferentes formas de relación y prácticas específicas en torno al fútbol para repensar y también formular la ciudad en la que vivían.

**Palabras clave:** pertenencia; pieza; camino.

Quando se falava em futebol no bairro Rio das Pedras, logo se pensava no Catanga Futebol Clube. Catanga denominava não apenas o time de futebol, mas o bloco de carnaval local e o próprio bairro, de modo que até os dias de hoje, por onde quer que se passe na cidade, o bairro é reconhecido como “*bairro do Catanga*”. Assim, time de futebol e bairro se mostravam como esferas intensamente vinculadas, o que dificultava traçar uma linha divisória entre um e outro. Como pretendo demonstrar no texto que se segue, era através do futebol que este clube amador ganhava destaque dentro do bairro e, ao mesmo tempo, criava elos de interação com o restante da cidade a partir de laços de pertencimento.

Nesse sentido, o presente trabalho busca apontar como o futebol, para os jogadores e torcedores do Catanga, era percebido para além de um momento de divertimento e extensão do lazer. Naquele contexto, a prática esportiva e o ato de torcer implicavam na ampliação da dinâmica social, pois, era jogando e torcendo pelo time do bairro que os sujeitos circulavam, se relacionando com diversas pessoas e espaços da cidade. Assim, através de um estudo etnográfico, o objetivo deste trabalho consiste em compreender como se forma a relação entre bairro e futebol, lançando um olhar para os trajetos por campos, bares e avenidas, onde práticas específicas e modos distintos de se relacionar eram mobilizados em torno do Futebol, como forma de repensar e formular, também, a cidade em que viviam.

## As casas populares

A cidade onde foi realizada a pesquisa recebe o nome de Passa Quatro. Situada na região das terras altas da Serra da Mantiqueira e historicamente localizada por expedições bandeirantes paulistas em meados do século XVII, suas trilhas fazem divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, representando o principal acesso à região sul mineira através da famosa Garganta do Embaú, ponto localizado no Vale do Paraíba que liga os municípios de Passa Quatro (MG) e Cruzeiro (SP). Devido ao fato da estrada, hoje conhecida como Caminho Velho da Estrada Real, cruzar quatro vezes com o rio local, tanto a cidade como o referido rio receberam a denominação de Passa Quatro. Em 1888, via Lei 3.657 de 1º de setembro, Passa Quatro se separa de Pouso Alto e se emancipa como município, marcando a data como feriado em comemoração ao aniversário da cidade. Segundo o IBGE<sup>2</sup>, sua população é estimada em 16.344 pessoas (IBGE, 2020).

A história do bairro é marcada pelo episódio da noite do dia 22 de dezembro de 1956, quando Passa Quatro foi acometida por uma tempestade de verão provocando o transbordamento do Rio Mato Dentro que perpassa os bairros Boa Vista, Santa Terezinha, São Francisco e Barrinha. A inundação invadiu casas e arrastou tudo que encontrou pela frente, provocando a morte de 32 pessoas e deixando 80 feridos. Uma das a oes mais destacadas pelas autoridades públicas foi o projeto de lei onde se declarava o caráter emergencial para a desapropria o de terrenos no bairro Rio das Pedras, com o objetivo de construir um conjunto habitacional para os desabrigados (SALES, 2011). Surge assim o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, conhecido popularmente como “Casas Populares”,

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

onde anos depois, nasceria o tradicional Catanga Futebol Clube, time de tantos títulos. Até os dias atuais, por onde quer que se passe na cidade, o bairro é referenciado como “bairro do Catanga”.

Foto 1 – Registro da tragédia da tromba d’água de 1956. Fonte: Página de Fabio Mota no Facebook.<sup>3</sup>



Foto 2 – Vítimas da tragédia no centro da cidade. Fonte: Página de Fabio Mota no Facebook.<sup>4</sup>



Pedro Mossri (1995), poeta e ex-político passaquatrense associa a origem do nome do time de futebol a um conflito ocorrido na África, desencadeado pela insurgência da província de Katanga na tentativa de separação da República Democrática do Congo<sup>5</sup>. Por inspiração nesse acontecimento histórico, o clube de futebol, que surgiu nas imediações das casas populares, recebera esse nome na década de setenta. Assim, “Catanga era, para muitos, palavra que significava *violência, briga*” (MOSSRI, 1995: 34).

Catanga é um bairro de periferia, fica em um dos extremos da cidade e faz divisa com a zona rural. É notável a associação entre periferia e desordem social

<sup>3</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=408582929218201&set=a.408582889218205&type=3&theater>>. Acesso em: 14/03/2019.

<sup>4</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=408582952551532&set=a.408582889218205&type=3&theater>>. Acesso em: 14/03/2019.

<sup>5</sup> Como o documento em questão foi redigido em 1995, nele aponta o país africano como República do Zaire, denominação vigente no período de 1971 e 1997.

que se refere a ideia de violência. Diversos foram os “avisos” para eu tomar cuidado quando fosse circular no bairro. Era preciso “*ter contato com algum morador*”, “*estar atento ao horário*” e “*não dar boeira por lá*”, afinal, “*povo do Catanga é tudo encrenqueiro*”. Muitas dessas falas vinham de pessoas que não frequentavam o bairro, mas evocavam narrativas a partir de seus torcedores de futebol, ou seja, de quando estes eram vistos torcendo pelo time do bairro.

## O Catanga e o futebol

A sociabilidade do bairro se misturava com as atividades do time de futebol a partir de relações familiares, de amizade e de vizinhança. Confraternizações antes e depois das partidas do Catanga, acompanhar o Flamengo na televisão, disputas na mesa bilhar, beber junto durante uma conversa na calçada, ensaio do bloco de carnaval, todas essas atividades se concentravam na rua principal do bairro, sempre conectados ao espaço do Bar do Arlindo, local que é a sede do Catanga Futebol Clube.

Neste espaço marcado pelo futebol, Catanga não foi o único time a representar o bairro no decorrer dos anos, mas foi o de maior reconhecimento por disputar os principais campeonatos de várzea da cidade e região sul mineira desde a sua criação, sendo considerado tanto pelos moradores do bairro, como pelos times rivais de outros bairros como o principal representante de sua localidade. O time conta, assim, com o maior número de conquistas municipais e tem a preocupação em formar, também, equipes em outras modalidades, como o futebol de salão masculino e feminino, divididos em diferentes faixas etárias. Mas a modalidade que realmente se destaca pela predileção e empenho dos torcedores é o time principal masculino de futebol de campo, o Catanga Futebol Clube. Nesse sentido, o clube se organizou hierarquicamente, sendo um dos times o principal, enquanto os outros, em diferentes modalidades, passaram a se constituir como ramificações de uma mesma agremiação que representa o bairro.

A modalidade de campo, mais especificamente, era dividida em dois times. O time de representação central, o Catanga Futebol Clube, era considerado o mais experiente e contava com os jogadores considerados mais habilidosos para competir, enquanto o time B, denominado Catanguinha, era composto por meninos do bairro em categoria juvenil e infantil, participando dos campeonatos organizados por modalidades restritas à idade. De tempos em tempos, ocorria uma seleção entre os próprios jogadores do bairro para a composição do time principal, não bastando apenas ter um bom desempenho durante as partidas, sendo consideradas, também, as relações familiares e de amizade – geralmente estabelecidas figuras influentes da direção do Catanga. Diante da importância da formação de um time titular competitivo, existiam, ainda, convites que se estendiam para jogadores que se destacaram em outros times durante as competições da cidade.

Nesse último caso, especificamente, a migração de um time de outro bairro para o time principal do Catanga não era vista com bons olhos pela maioria dos torcedores, uma vez que rompia com um código importante de pertencimento, baseado na fidelidade pelo time que se jogava e torcia. Em Passa Quatro, existiam campeonatos onde os competidores montavam times temporários e que não tinham como característica a edificação de um vínculo forte entre o time e seus jogadores. Nessas competições, jogava-se pelo time da escola, pelo time dos veteranos ou até pelo time de amigos do mesmo bairro, mas tudo isso de maneira despreziosa. Nas disputas tradicionais, por outro lado, como o Campeonato

Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, jogar por mais de um time representava uma ameaça também ao ato de torcer, significando uma conduta ambígua, já que tais competições aconteciam com regularidade, sendo disputadas anualmente.

Esse foi o caso de Miguel<sup>6</sup>, que é atualmente um dos atacantes do Catanga, sendo considerado como um dos jogadores mais habilidosos do time. Contudo, Miguel possui o histórico de ter vestido a camisa do grande rival no ano anterior. Sua transição teria se iniciado quando começou um relacionamento com a irmã de um dos membros da diretoria do Catanga. Durante este processo, o jogador foi alvo de muita desconfiança por uma parcela da torcida, como me confidenciou Fabinho, um dos membros da diretoria: *“não vou com a cara dele porque até pouco tempo atrás ele tava do outro lado zoando a gente”*. Ainda assim, em pouco tempo, Miguel se tornaria não apenas jogador do time, como morador do bairro. Após o falecimento de sua mãe, foi convidado por Laura para dividir um puxadinho nos fundos do terreno de sua casa, compartilhando as dependências com seu filho mais velho, também atleta do clube.

Embora a torcida do Catanga não se limitasse apenas aos moradores, era principalmente a partir das relações de vizinhança que os laços eram construídos e fortalecidos. Morar e jogar pelo Catanga implicava frequentar, em grande medida, os mesmos espaços que os torcedores e companheiros de time, de modo a intensificar suas relações. Mas, se por um lado se produzia a identificação entre o clube de futebol e o bairro, por outro, surgiam as rivalidades por diferenciação e era em dia de jogo que isso se tornava mais intenso.

Torcedores de bairros distintos circulavam pela cidade com suas camisas, faixas e bandeiras a caminho do estádio e, nesse trajeto, comunicavam seu pertencimento de maneira pública e simbólica para o restante da cidade. Ao antagonizarem com seus rivais, por meio de brigas, discussões e invasões no gramado durante as partidas, como era o caso dos torcedores catanguenses, traziam a fama de “encrenqueiros” e “violentos” para a reputação do bairro, que se concretizava a partir de narrativas feitas pelos torcedores dos bairros rivais.

## O bar, o estádio e o carnaval: o trajeto do Futebol

O pertencimento ao clube de futebol e a dedicação para acompanhar o time nas competições ganhou expressão e forma a partir da configuração de um trajeto específico, consolidado em uma maneira particular de se deslocar pela cidade. Este modo de se organizar não era aleatório e tinha sua primeira parada no Bar do Arlindo, considerado como a sede do Catanga Futebol Clube. Enquanto sede, o bar era o local onde guardavam os instrumentos musicais, bandeiras e faixas utilizados nos dias de jogo e onde se expunham os troféus acumulados ao longo dos anos e fotos de jogadores que já defenderam aquela camisa. Era, além disso, o ponto de encontro onde os torcedores partilham bebidas alcoólicas e esperam a chegada dos demais torcedores para “invadir” o estádio com o maior número possível de pessoas.

Os jogos que tive a oportunidade de acompanhar foram todos organizados aos domingos, no período da tarde, com o horário marcado para início às 15h. Faltando pouco mais de uma hora para o horário, alguns torcedores chegavam ao local em seus automóveis e bicicletas, mas era notável que a sua grande maioria residia no próprio bairro e se deslocava a pé até a rua principal. Muitos levavam suas próprias bebidas e faziam questão de partilhar com todos. Beber junto, para

<sup>6</sup> Todos os nomes utilizados no trabalho são fictícios.

os torcedores do Catanga, significa proximidade e era algo levado muito a sério, marcando o início do circuito no Bar e também o fim do mesmo, uma vez que os torcedores retornavam para o local ao final da partida para guardarem os adereços e tomar os últimos copos comemorando ou lamentando o resultado de cada partida. A bebida aparecia, de maneira mais evidente, estampada na camisa do bloco de carnaval, que era utilizada por grande parte da torcida também nas partidas de futebol.

**Foto 3** – Parte de trás da camisa do Bloco de Carnaval do Catanga de 2019. **Fonte:** Página do Catanga Futebol Clube no Facebook<sup>7</sup>.



Essa foi a primeira lição que apreendi em campo, no contato inicial com os torcedores. Preocupado em ter o máximo de atenção para realizar minhas observações, tracei a estratégia de consumir a menor quantidade possível de bebida, porém, na minha primeira tentativa de hesitação, fui prontamente questionado por uma de minhas interlocutoras. Paula, ex-jogadora do time de futsal feminino e torcedora assídua me disse: “Mas como assim?! Ele não bebe?!”. Isso já foi suficiente para que, a partir disso, eu aceitasse a maioria das investidas.

Faltando poucos minutos para o início dos jogos, os torcedores se preparavam para fazer o trajeto até o local da partida que se encontra no bairro ao lado, o São Geraldo, separado por uma ponte e uma caminhada de poucos metros por uma avenida, que consiste no principal acesso dessa região ao centro da cidade. Esse trajeto era tradicional para torcida, realizado ao longo dos anos durante a competição mais importante para eles, o Campeonato Municipal de Futebol Amador.

<sup>7</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/Catanatico/photos/a.1157284107684633/2055264621219906/>>. Acesso em 15/09/2020.

Durante o percurso, o objetivo era cantar, o mais alto possível, canções e gritos de guerra que eram destacadas por iniciativa de algum torcedor que se colocava na condição de “puxador”. Ao iniciar a canção, a bateria estabelecia a cadência e os torcedores acompanhavam o batuque, cantando em coro. Por diversas vezes foi debatido entre os torcedores que encabeçavam o grupo: “vamos puxar as mais antigas para todos cantarem”. Era exigido um certo grau de comprometimento dos torcedores nas canções, principalmente porque a torcida era vista tanto pelas pessoas que passavam na avenida quanto por aqueles que saíam de suas casas para ver a performance.

Fabinho trouxe a experiência de já ter feito parte de uma das torcidas organizadas do Clube de Regatas Flamengo e assumiu essa posição, “puxando” as canções que eram, em sua grande maioria, de sua autoria. Enquanto puxador, sempre se posicionava na dianteira, ao lado dos torcedores que manuseavam a bateria e as bandeiras. Na sequência vinham os demais torcedores que, sem uma demarcação fixa, alternavam conversas paralelas aos gritos de guerra e batidas de palma. Por vezes, os torcedores recuavam de suas posições para cobrar mais empenho dos restantes.

**Foto 4:** Percurso do bar até o Estádio Municipal de Passa Quatro. **Fonte:** acervo do autor.



Ao chegarem na entrada do estádio, se enfileiravam para passar pela roleta, onde era cobrado um valor de ingresso que alternava entre um e dois reais, dependendo da competição. Este marcava o primeiro momento de dispersão dos torcedores, onde não se tinha a possibilidade de entrarem todos juntos simultaneamente. A arquibancada onde se posicionava a torcida do Catanga ficava na extremidade do estádio, sendo preciso, desse modo, passar por todos os outros torcedores presentes no estádio. Nesse momento, aproveitavam para cumprimentar e brincar com conhecidos de outros bairros, porém, sem conversas muito extensas para não perderem a saudação ao time durante o aquecimento, minutos antes da partida se iniciar.

O Estádio da cidade é constituído por uma pista de skate cimentada, um pequeno campo de areia e o ginásio poliesportivo coberto. Ao seu lado fica o campo



gramado cercado por grades de proteção, de maneira centralizada, e no outro extremo uma única arquibancada coberta para os espectadores das competições de futebol de campo. Nos seus limites ocorrem os principais campeonatos de futebol. Mesmo sendo a principal arena esportiva da cidade, recebendo jogos dos mais diversos times da cidade, nos dias de jogos do Catanga, a arquibancada era domínio deles. Ocupavam o espaço com suas faixas e bandeiras de maneira que ficasse o mais visível possível, demarcando o território. Na faixa podia-se ler o seguinte: “Torcida do Catanga, a maior do sul de minas”, alternando entre vermelho e preto, as cores do seu uniforme.

**Foto 5:** Imagem do Estádio Municipal de Passa Quatro durante a final do Campeonato Municipal de Futebol Amador de 2016 entre os times do Catanga e Papo Seco. **Fonte:** Foto recortada do vídeo no Youtube<sup>8</sup>.



Ao final da partida, parte da torcida se dispersava novamente para o retorno ao bairro. Não havia uma organização específica para a caminhada da volta, tal como ocorria durante a ida. Os deslocamentos entre bar, estádio e o retorno ao bar eram tão frequentes que acabavam se tornando uma extensão, uma continuidade do evento futebolístico mesmo com o fim da partida.

Contudo, uma vez por ano esse circuito se expandia. Durante os desfiles dos blocos de carnaval, o trajeto até o estádio, comumente utilizado nos dias de jogo de futebol, se estendia até o centro da cidade, passando pela Igreja Matriz, a sede da prefeitura municipal e o bar do presidente do Catanga. Nessa ocasião, os torcedores se tornam também foliões.

A reputação de “encrenqueiros” direcionada aos moradores do bairro se devia, em grande medida, às ações dos torcedores dentro do estádio, quando comunicavam o seu pertencimento. E para acompanhar isso de perto, me aproximei de Didi, Paula e Laura, três irmãs moradoras do bairro e torcedoras. Paula é a irmã mais nova e ex-jogadora do time de futsal feminino do Catanga. Didi é a irmã mais velha e considerada pelos torcedores rivais como “torcedora problema”. E Laura, a irmã do meio, é considerada a “mãezona” da torcida, a pessoa em todos poderiam contar em qualquer ocasião devido a sua grande generosidade e dedicação pelo clube.

<sup>8</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=mWK47dFonV8&ab\\_channel=AntonioCouto](https://www.youtube.com/watch?v=mWK47dFonV8&ab_channel=AntonioCouto)>. Acesso em: 16/09/2020.

O primeiro jogo que teve contato com o time principal e as torcedoras, o Catanga perdeu a partida por 2x1 e as três ficaram até o apagar das luzes do estádio para “pegar” os árbitros, um acerto de contas motivado pela constatação de que o trio de arbitragem era o verdadeiro responsável pela derrota naquela ocasião. Foram até o vestiário e bloquearam a saída, onde tiveram que ser contidas pela organização com o argumento de que aquele comportamento poderia ocasionar em perda de pontos na competição.

Essa ameaça surtiu efeito em Didi que passou a monitorar os demais torcedores durante a competição para que o time não fosse prejudicado em termos de pontuação e atrapalhasse o caminho para o título. Houve uma partida em que um torcedor presente na arquibancada arremessou uma latinha de cerveja no campo e por conta disso o Catanga foi penalizado pela organização perdendo três pontos. No momento em que o árbitro paralisou a partida para pegar a latinha e mostrar para o árbitro de mesa, com o intuito de registrar o ocorrido na sumula da partida, diversos torcedores se manifestaram dizendo que o ato não teria sido feito por um torcedor do Catanga. Diante da frustração da torcida, Didi alertou os demais que havia reconhecido o autor, incitando um acerto de contas na moradia do suspeito, investida que não se concretizou.

Mesmo tomando determinados cuidados para não prejudicar o time em termos de pontuação, as disputas pelos espaços na arquibancada permaneceram. Embora a torcida do Catanga fosse dominante numericamente, não era a única a frequentar a arquibancada e só aceitava dividi-la com torcedores neutros, que não demonstrassem torcida para nenhum outro time. Quando o campeonato municipal se aproximou das fases finais, a circulação de todos os tipos de torcedores, incluindo aqueles ditos sem compromisso ou não engajados à alguma torcida, aumentou significativamente. Esses torcedores não vestiam a camisa de nenhum time e se mostravam mais à vontade para comentar lances do jogo de maneira jocosa.

Quando tais comentários eram proferidos perto delas, o confronto era imediato: “cala boca seu filho da puta”, “vem aqui se você for homem”, “seu bairro nem time tem”. Após essas provocações, o rapaz que haviam xingado anteriormente esperou o Catanga sofrer um gol para se vingar, apontando para região genital com as mãos ao comemorá-lo. Paula respondeu com mais xingamentos, e Laura, que estava assistindo toda a partida rente à grade e um pouco afastada da arquibancada, foi até o local para defender a irmã: “Você só fala! Vem aqui resolver se for homem”. O rapaz, visivelmente constrangido, se sentou e voltou a acompanhar os lances da partida. Laura comentou o ocorrido comigo: “não gosto de confusão, mas se tiver que brigar, eu brigo”. Jairo, marido de Didi, acompanhava toda a discussão atento: “sempre que junta as três [Laura, Paula e Didi] dá problema. Por isso que eu não gosto de vir para o estádio”.

## Tecendo relações

Durante o trabalho de campo, me inquietou a questão do nome do clube de futebol ser referência para o bairro e para o bloco de carnaval. Catanga estava presente em suas movimentações, celebrações e rituais coletivos. Assim, a identificação era peça central na medida em que se reconheciam como pertencentes ao Catanga.

Segundo Toledo (1996), a condição de torcedor possibilita experienciar determinadas vivências, tipos de sociabilidade e imagens que transcendem aquelas

impostas pelo cotidiano (TOLEDO, 1996: 41). O ato de torcer passa pelo engajamento do torcedor com a escolha do seu time de coração, firmando um vínculo que fundamenta a sua relação de pertencimento com o clube e identificação com o grupo de torcedores. Esse engajamento é uma forma de envolvimento emocional que irá conduzir as atividades e ações permeadas por rituais tanto dentro do estádio como em outros espaços na cidade. Os torcedores tinham a possibilidade de ocupar a arquibancada, avenidas e ruas, sua sede e o bloco de carnaval coletivamente, onde a dimensão espacial também era repensada. Desse modo, mobilizei o conceito de pertencimento clubístico para iniciar essa reflexão. Segundo Arlei Damo (2012), o termo clubístico é um neologismo para o substantivo *clube*, com o objetivo de se referir a um agregado no entorno de objetivos comuns, vinculados a atividades do lazer e do entretenimento. E pertencimento, segundo o autor, consiste em uma modalidade de vínculo duradouro e exclusivo entre um indivíduo e uma coletividade, tendo o clube como mediador (DAMO, 2012: 51-2).

Pertencer ao Catanga possibilitava criar vínculos e laços que ultrapassavam o jogo de futebol propriamente dito, a partir de um engajamento emocional onde torcer significava frequentar a sede do clube, o estádio e o bloco de carnaval. Era necessário viver ativamente o futebol cantando, xingando, jogando, batendo palmas, batucando, bebendo, chutando, provocando, brigando e circulando, aliado a toda uma dimensão estética a partir das camisetas da torcida, bonés, canecas, bandeiras, faixas e cores. Desse modo, me aproximo do conceito de pedaço de Magnani (1992, 2003) desenvolvido a partir de suas pesquisas sobre cultura popular e modalidades de lazer em bairros periféricos na cidade de São Paulo. O conceito contribui para pensar a relação entre o time de futebol e o bairro por relacionar componentes da ordem espacial que correspondem ao simbólico. Ou seja, o território do Catanga sendo bem demarcado e constituindo espaços de passagens e encontros que são definidos pelas atividades do time de futebol que opera como referência de ordenamento a partir dos códigos de pertencimento clubístico, ordenando e classificando aqueles que são do pedaço. Nas palavras do autor: “Pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os “bandidos” da vila, de alguma forma, acatam” (MAGNANI, 2003: 116).

Para ser do pedaço do Catanga, não bastava apenas ser morador do bairro, estar inserido em relações familiares e de vizinhança. Era preciso uma combinação de relações a partir de uma intensa negociação que se dava a cada evento. Esse foi o caso do jogador Miguel. Mesmo vestindo as cores preto e vermelho todos os domingos dentro de campo, ainda era alvo de desconfianças por já ter feito parte do grande rival. Quando fez do bairro o seu local de moradia, passou a combinar os vínculos que já dispunha enquanto jogador com relações mais duradouras de vizinhança, constituindo assim uma identidade que se produzia no pedaço. Aos poucos, Miguel foi se tornando uma referência concreta e estável, pois, como regra, se exige transparência e fidelidade, elementos importantes para o grupo de torcedores na medida em que cumpre uma função estabilizadora de garantir que o fluxo do torcer continue. Por conta disso, a ambivalência não é vista com bons olhos por colocar em desordem os princípios de identificação desses torcedores com o clube de futebol (DAMO, 2012: 67).

Este relato de campo mostra que o pertencimento clubístico e o pedaço enquanto componentes simbólicos, não toleram ambiguidades. O mesmo acontece durante os relatos das partidas. A arquibancada é outro pedaço do Catanga, espaço territorial marcado por fronteiras com os demais torcedores onde não se

admite a manifestação de torcida para os times que jogam contra. Estar no pedaço que não é o seu abre a possibilidade de conflitos e hostilidades, algo que não passava despercebido por Didi, Paula e Laura. Essas manifestações se estendiam até os árbitros da partida, autoridades dentro de campo que tinham a cautela de não responderem as provocações ou olhares enfurecidos dos torcedores enquanto apitavam as partidas.

Em dia de jogo, o ponto de encontro era o bar do Arlindo. Torcedores se aglomeravam em frente à entrada da sede e emplacavam conversas na beira da calçada. Alguns vinham de outras partes da cidade com seus automóveis e bicicletas e rapidamente se integravam. A grande maioria da torcida, contudo, se deslocava de ruas adjacentes do bairro até o bar a pé. No local, prevalecia um ambiente tipicamente de pedaço onde todos se conheciam, fazendo referência a um território físico e socialmente demarcado por regras e acontecimentos que eram constitutivos de relações dentro da vida no bairro do Catanga. Faltando poucos minutos para o início da partida, esses torcedores se deslocavam até o estádio, ou melhor dizendo, era o pedaço que se deslocava para outros espaços urbanos porque caminhavam em grupo para locais onde era possível se encontrarem com pessoas de outros pedaços, mantendo o conflito latente.

O caminhar junto até o estádio configurava em se colocar em movimento coletivamente para além dos limites do bairro, ligando diferentes pontos da cidade. A esse deslocamento mobilizo o conceito de trajeto “[...] que abre o pedaço para fora, para o espaço em âmbito do público” (MAGNANI, 1992: 199). Forma-se um trajeto entre bar, arquibancada e bar novamente, com exceção do período do carnaval, onde se estende até o centro da cidade. Esses deslocamentos expandem as narrativas desses torcedores de futebol demonstrando uma maneira específica de circular por determinados espaços na cidade. Como observa Enrico Spaggiari (2015), se trata da produção do espaço urbano que inverte o fluxo do centro da cidade em direção as periferias, fazendo com que a cidade seja construída a partir da região periférica em direção as regiões centrais da cidade (SPAGGIARI, 2015: 59-60). Essa perspectiva nos possibilita pensar, junto com os torcedores, os espaços públicos que revelam uma cidade em sua diversidade e não como algo já definido.

Analisando o futebol de bairro, Simoni Guedes (1998) afirma que diferenças são expressas na ocupação do espaço urbano. A cidade é demarcada espacialmente por seus clubes de futebol de bairro e essa relação projeta sobre seus espaços complexas relações de percepção sobre cada localidade. Coloca-se em jogo diferenças sociais a partir de um mapeamento social e simbólico da cidade com conotações de cada bairro, “Nesta perspectiva, não é apenas metáfora e síntese da sociedade, mas arena onde valores são disputados” (GUEDES, 1998: 112). Intensas negociações se configuraram em conflitos violentos, onde a cada batalha, dentro e fora dos gramados, condensavam e recriavam a reputação dos bairros. Advém disso o Catanga como “violentos”, da “torcedora problema” e “dos encrenqueiros”.

## Considerações finais

Como busquei demonstrar, os times de futebol amador em Passa Quatro eram organizados através dos bairros e o pertencimento a determinado time reforçava também um pertencimento à localidade, relacionando clubes e moradores através da prática esportiva. A articulação entre pertencimento clubístico e o bairro faziam com que as práticas e relações em torno dos espaços do futebol amador se tornassem, assim, dimensões importantes de identidades territoriais (SPAGGIARI, 2015: 54).

O reconhecimento do Catanga era, desse modo, o reconhecimento de todo bairro, uma identificação que combinava vínculos familiares e de vizinhança com a participação em eventos do futebol. Nesse sentido, jogar e torcer extrapolavam o jogo de futebol em si, na medida em que se negociava valores e ideias em torno da reputação do bairro onde moravam. A cidade se tornava, também, espacialmente demarcada pelos seus clubes de futebol, condensando e recriando conotações ideológicas ligadas aos bairros (GUEDES, 1998: 110), conotações estas que circulavam junto com seus torcedores, negociando o ambiente que habitavam e constituindo narrativas de maneira ativa, ao participarem dos trajetos do futebol.

*Recebido em 3 de outubro de 2020.*

*Aprovado em 27 de novembro de 2020.*

## Referências

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. *História: Questões & Debates*, 57: 45-72, 2012.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudo antropológico sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, RJ: EDEFF, 1998.

BRASIL. IBGE. *Censo Demográfico, 2020*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/passa-quatro.html?>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

MAGNANI, José Guilherme C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, 35: 191-203, 1992.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

SPAGGIARI, Enrico. *FAMÍLIA JOGA BOLA: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, USP, 2015.

SALES, José Roberto. *A tromba-d'água de 1956 em Passa Quatro - MG: perfil socioeconômico das vítimas fatais*. Varginha, 2011.

MOSSRI, Pedro. *Apostila Passa Quatro*. 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Anpocs, 1996.